



**UnB** - Universidade de Brasília, CEAD - Centro de Educação a Distância.

**Curso** - Pós-Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica

**Professor da Disciplina:** Antônio Fávero Sobrinho

**Professora Orientadora** - Sandra Regina Santana Costa

**Aluna:** Vanilda Costa Lopes

**Grupo:** H

## **O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE AOS CONFLITOS VIVENCIADOS NO COTIDIANO ESCOLAR NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL EM SAMAMBAIA**

**Vanilda Costa Lopes**

Professor-orientador Dr. Antônio Fávero Sobrinho  
Professora monitora-orientadora Mestre Sandra Regina da Costa

Brasília (DF), Abril de 2013.

**Vanilda Costa Lopes**

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE AOS  
CONFLITOS VIVENCIADOS NO COTIDIANO ESCOLAR NO CENTRO  
DE ENSINO FUNDAMENTAL EM SAMAMBAIA**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação do Professor-orientador Mestre Antonio Fávero Sobrinho e da Professora monitora-orientadora Mestre Sandra Regina Santana Costa.

Brasília (DF), Abril de 2013.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Vanilda Costa Lopes**

### **O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE AOS CONFLITOS VIVENCIADOS NO COTIDIANO ESCOLAR NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL EM SAMAMBAIA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. MsC. Sandra Regina Santana Costa  
Secretaria de Estado de Educação do DF e  
Instituto de Psicologia da Universidade de  
Brasília  
(Tutora-Orientadora)

---

Prof<sup>o</sup> MsC. Antônio Fávero Sobrinho  
Universidade de Brasília  
(Professor-orientador)

---

Profa Dra. Norma Lucia Neris Queiroz  
Secretaria de Estado de Educação do DF e Universidade de Brasília  
(Examinadora externa)

Brasília, Abril de 2013.

## DEDICATÓRIA

Dedico em primeiro lugar a **Deus** que me deu forças para construir este trabalho do qual tenho me orgulhado de realizar. Mesmo diante das circunstâncias desfavoráveis tenho tido força para pesquisar, estudar e concluí-lo. Em segundo lugar ao diretor Elisson Pereira dos Santos que conheço há alguns anos e que não mediu forças para abrir a sua escola e me atender dando-me total liberdade para fazer minha pesquisa de campo. Dedico também ao vice-diretor e orientador educacional Alex Cruz Brasil que com paciência e humildade as quais não posso mensurar também pronto a me atender na busca dos índices de ocorrências de violência e indisciplina na escola pesquisada.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Diretor Elisson Pereira dos Santos, ao vice-diretor e orientador Alex Cruz Brasil, aos coordenadores pedagógicos que não mediram esforços em me atender com meus questionários, aos professores com boa vontade em responder às questões a eles direcionadas, aos servidores que também me atenderam, aos alunos que respeitaram a minha presença na escola e colaboraram com algumas questões a eles direcionadas. Finalmente a querida e paciente e não mais atenta do que a monitora orientadora Mestre Sandra Regina por seu empenho, presteza e dedicação em todas as etapas da pesquisa contribuindo significativamente para o meu aprendizado.

**“E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do  
Senhor teu Deus”;**

**Deuteronômio 28**

## RESUMO

Esse estudo cujo título “O Papel do Coordenador Pedagógico frente aos conflitos vivenciados no cotidiano escolar no Centro de Ensino Fundamental em Samambaia”, resulta de uma pesquisa realizada numa escola pública do Distrito Federal. O principal objetivo deste trabalho é observar as relações existentes entre alunos, professores, gestores e comunidade. Perceber a atuação do coordenador na sua luta incessante no que se refere à busca de mecanismos que minimizem as ocorrências de violência e indisciplina na sala de aula, na escola e nos arredores dela. Saber também como o professor lida com a indisciplina dos alunos e quais os resultados dos projetos desenvolvidos pela coordenação pedagógica tanto nas relações interpessoais como a violência ao patrimônio público. A metodologia utilizada na pesquisa de campo foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa. Utilizou-se como instrumentos de coleta de dados a aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas. Foram aplicadas 06 perguntas aos gestores e 12 perguntas aplicadas ao coordenador pedagógico. Foram entrevistados 05 alunos e 03 professores escolhidos por amostragem. Os escolhidos para participarem da pesquisa receberam o questionário e se mostraram interessados no tema violência e indisciplina, por acharem que a escola bem como a família e o Estado precisam se unir a fim de buscarem meios de atuação como mediadores nos conflitos internos e externos da escola. Também sentem medo de tamanha violência e se acham vulneráveis a essa violência. A análise dos dados foi realizada a partir da observação das relações alunos, professores, gestores e comunidade. Alguns alunos demonstraram inquietação, desinteresse pelas atividades desenvolvidas na escola, facilidade de se envolver em conflitos muitas vezes banais desencadeando a violência e a indisciplina. A escola utiliza-se de mecanismos como advertências, diálogo com a família, oficinas, palestras, atividades com propostas pedagógicas a fim de amenizar as situações de indisciplina e violência praticadas pelos alunos. Com a investigação percebe-se que os professores e as professoras pesquisadas reconhecem e sabem diagnosticar a indisciplina e a violência dentro da escola e nos arredores dela. Em relação ao encaminhamento dado aos casos de violência e indisciplina, duas tendências predominam: tentar resolver ou minimizar os efeitos ou as ocorrências chamando os pais para que tomem conhecimento dos fatos; e mediante projetos e apoio de parcerias de entidades não governamental assim como da polícia civil, militar, ministério público e outros parceiros. Algumas propostas educativas são destacadas na discussão por considerar que elas contribuem para a superação da indisciplina e violência manifestadas no contexto escolar.

**Palavras-chaves:** coordenador pedagógico, violência, indisciplina, relações interpessoais

## ABSTRACT

This study entitled "The Role of Pedagogical Coordinator against conflicts experienced in everyday school in Center Elementary School in Fern", the result of a study conducted in a public school in the Federal District. The main objective of this work is to observe the relationships between students, teachers, administrators and community. Realize the role of the coordinator in their incessant struggle with regard to the search for mechanisms that minimize the occurrences of violence and indiscipline in the classroom, at school and around it. Also know as the teacher deals with students' indiscipline and what the results of the projects developed by the pedagogical coordination both in interpersonal violence as public property. The methodology used in the field research was conducted from a qualitative approach. Used as instruments for data collection questionnaires and conducting semi-structured interviews. 06 questions were applied to managers and 12 questions applied to pedagogical coordinator. We interviewed 05 students and 03 teachers chosen for sampling. Those chosen to participate in the study received the questionnaire and were interested in the topic of violence and indiscipline, because they feel that the school and the family and the state need to come together to seek ways of acting as mediators in conflicts within and outside the school. Also feel fear of such violence and find themselves vulnerable to such violence. Data analysis was performed by observing the relationships students, teachers, administrators and community. Some students showed restlessness, disinterest in activities in school, ease of engaging in conflicts often banal unleashing violence and indiscipline. The school uses mechanisms such as warnings, dialogue with family, workshops, lectures, activities with pedagogical proposals to ease the situation of indiscipline and violence practiced by the students. Upon investigation it is clear that the teachers and the teachers surveyed recognize and diagnose know indiscipline and violence within the school and around it. Regarding referral given to violence and indiscipline, two trends predominate: trying to solve or minimize the effects or occurrences calling parents to become aware of the facts, and through partnerships and support projects of non-governmental as well as police civil militar, prosecutors and other partners. Some educational proposals are highlighted in the discussion considering that they contribute to the overcoming of indiscipline and violence manifested in the school context.

**Keywords:** pedagogical coordinator, violence, indiscipline, interpersonal relationships.



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....   | 9  |
| CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO .....   | 14 |
| 1.1- As mudanças paradigmáticas na educação .....  | 14 |
| 1.2- O Papel do coordenador pedagógico frente aos desafios de violência, indisciplina e a resistência dos professores .....        | 16 |
| 1.3- O Papel do coordenador Pedagógico no planejamento escolar no contexto .....   | 18 |
| 1.4- Como perceber a aprendizagem no contexto escolar .....  | 20 |
| CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA .....  | 23 |
| 2.1- O Contexto da Pesquisa .....  | 23 |
| 2.2- Onde foi realizada a pesquisa .....   | 25 |
| 2.3- Roteiro de Observação .....   | 25 |
| 2.4- Roteiro de Trabalho .....   | 25 |
| 2.5. Relatório das ações desenvolvidas pela escola para minimizar as ocorrências de violência na escola e nos seus arredores ..... | 26 |
| 2.6- Plano de Coletas .....  | 27 |
| 2.7 Pesquisa de Campo .....  | 27 |
| 2.8- Aplicação de Questionário .....   | 27 |
| 2.9- Da Entrevista .....   | 28 |
| 2.10- Instrumentos utilizados para Coleta de Dados .....   | 28 |
| 2.11- Procedimentos da Coleta de Dados .....   | 29 |
| CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....  | 30 |
| 3.1- Itens Analisados .....  | 31 |
| a) violência oriunda de alunos para com alunos. ....   | 31 |
| b) violência oriunda dos alunos para com os professores .....  | 31 |
| c) violência oriunda de alunos para com o patrimônio. ....   | 31 |
| d) violência oriunda de alunos para com profissionais da educação (servidor da limpeza). ....                                      | 31 |
| e) violência oriunda de profissionais da educação para com profissionais da educação .....   | 32 |
| f) violência oriunda de membros da comunidade para com a escola; .....   | 32 |
| 3.2 - Análise dos questionários destinados aos coordenadores e aos gestores .....  | 32 |
| 3.3 – Análise da entrevista com os alunos .....  | 35 |
| 3.4 – Análise da entrevista com os professores .....   | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 40 |
| REFERÊNCIAS .....  | 42 |
| APÊNDICES  |    |

## INTRODUÇÃO

O que me levou a pesquisar sobre o tema violência e indisciplina foi um fato que ocorreu em 2005 numa escola de ensino fundamental em samambaia com um aluno de 7º ano. O aluno estava pichando a mesa então pedi ao mesmo para parar com a pichação e limpar a mesa. O aluno levantou a voz e me ofendeu afirmando que nem a sua mãe fazia ele parar e eu não era ninguém para dizer o que ele deveria fazer entre muitos palavrões. Eu fiquei horrorizada e me senti humilhada com aquela situação em que eu nunca tinha me defrontado. Tive vontade de abandonar a carreira de professora.

O aluno de hoje devido a um conjunto de transformações históricas, não conhece a importância da palavra **limites** e assustam a nós professores que temos que lidar com a rebeldia e indisciplina desses alunos todos os dias. Já vêm de casa sem noções de regras, combinados, deveres, reconhecendo apenas que têm direitos a serem usufruídos por eles, portanto, cabendo a nós professores somente o cumprimento desses “direitos”.

Para tanto a coordenação pedagógica tem sido um espaço de discussões e estudos a fim de viabilizar mecanismos para nortear as relações conflituosas dentro e fora do contexto escolar. Não sendo fácil a missão do coordenador devido à resistência de muitos professores, uma vez que não acreditam que a formação continuada possa ajudá-los a obter resultados quando os temas se tratam de violência e indisciplina. Muitos acreditam que a capacitação não é suficiente para sanar ou minimizar as ocorrências.

Todavia ainda existem os que apostam na formação continuada, em projetos e estudos que com muito diálogo e, senão acabam pelo menos minimizam as ocorrências de violência, indisciplina e melhoram as relações interpessoais.

À equipe gestora está o compromisso de organizar seus colaboradores dando a esses o desafio de buscar a capacitação tanto para os professores quanto para os demais funcionários da escola e o diálogo com a comunidade em especial as famílias de seus alunos.

O motivo pelo qual fui procurar outra escola para fazer a pesquisa foi o fato de conhecer o trabalho que os gestores e a equipe pedagógica desenvolvem na escola

e que tem gerado bons frutos. Também porque nessa escola não tem a prática de expulsar ou transferir o seu aluno, sem antes desenvolver projetos e usar todos os mecanismos possíveis para entender a insatisfação do aluno e sua relação interpessoal com o corpo docente e todos os funcionários da escola.

Onde termina a vida de aluno e inicia a vida de professor? Começo esse texto com uma indagação da professora e escritora **Ilma Passos**. Ainda segundo a autora, talvez tenha chegado a hora de avançarmos na resposta a essa questão. De aprofundarmos nossa percepção da vida escolar e até mesmo da vida em sociedade, para entendermos que se trata de momentos que nada mais são que pontos de vista – a serem superados – de um único processo: a formação do indivíduo e, neste caso, dos profissionais professores.

Outro aspecto dessa atualidade diz respeito à apresentação de alternativas. Para a autora supracitada, para a **formação docente** que reconhecem o **professor** como **agente social**, e, nos cursos de formação, a coordenação pedagógica atua como espaço privilegiado da formação continuada e do desenvolvimento profissional docente, num momento em que o Ministério da Educação, refletindo a percepção da sociedade, tem posto em cheque a formação desses profissionais.

Nessa linha de consolidação da formação do **docente como agente social**, Livia Feitas Fonseca Borges (2009), apresenta o currículo como campo de concretização dessa postura de resistência às pressões do contexto. E, reconhecendo possíveis contribuições da sociedade e dos diferentes contextos sociais, propõe uma educação ancorada em estudos culturais, na qual a pesquisa e a interação constante entre a **formação** e a **prática docente** constituem-se como elementos de um contínuo formativo onde a formação inicial e a continuada se intercomunicam permanentemente, estabelecendo uma dinâmica formativa ampliadora das perspectivas sociais dos envolvidos.

Portanto, para que essa formação seja eficaz se faz necessária à presença do coordenador pedagógico como viabilizador e estimulador de ações que sejam concretizadas e a formação seja diária, continuada não do ponto de vista externo, mas nas coordenações coletivas, onde haja socializações de experiências e conhecimentos. Como por exemplo: o coordenador traz um texto ou um vídeo sobre relações étnico-raciais para um diálogo com os professores no momento da coordenação pedagógica, os professores farão reflexões sobre o assunto, daí surgirá um projeto para trabalharem em sala de aula com os alunos, logo esses

profissionais estarão participando de uma formação continuada dentro do ambiente escolar.

Investigar o ambiente escolar com vistas a torná-lo saudável de interação e boas relações humanas de respeito às diversidades e promotora da cultura da paz e não violência entre os alunos, professores e gestores.

O **Centro de Ensino Fundamental 507** de Samambaia iniciou suas atividades escolares em 06/05/93 – Portaria de nº 03 de 12/01/2044. Essa instituição situa-se em área urbana de fácil acesso e localização. Atende a alunos da comunidade local, zona rural e entorno matriculados em turmas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, séries finais no turno diurno e Educação de Jovens e Adultos (EJA) séries finais no turno noturno.

As instalações físicas são distribuídas da seguinte forma: 18 salas de aula; 01 Sala de Secretaria; 01 Sala de Direção; 00 Sala de Vice-direção; 01 Sala de Apoio; 01 sala de Mecanografia; 01 Sala de Coordenação; 01 sala de Recursos; 01 Sala para Serviço de Orientação Educacional; 01 Biblioteca; 01 Sala de Professores; 01 auditório; 01 sala de Multimídia; 01 Laboratório de Informática; 02 Banheiros para Professores (Masculino e Feminino); 02 Banheiros para Alunos (Masculino e Feminino); 02 Banheiros adaptados para alunos cadeirantes; 01 Depósito para armazenamento de materiais de expediente e materiais didáticos pedagógicos; 01 Cantina com depósito; 01 Laboratório de Ciências (desativado); 01 Sala de Servidores; 01 Banheiro para servidores e 01 Quadra de esportes.

Apresenta um quadro administrativo de **75 funcionários** sendo: 16 servidores da carreira assistência e 59 professores (02 professores para sala de recursos, 05 coordenadores pedagógicos), 01 orientadora educacional. Os serviços de limpeza não são terceirizados, já a cantina e a vigilância sim.

No turno matutino funcionam 18 turmas, no turno vespertino 18 turmas e no turno noturno também 18 turmas.

Os alunos do CEF 507 vêm de famílias carentes a maioria deles recebem ajuda do governo como bolsa família, cartão material escolar entre outros tipos de programas de governo. Em sua maioria também a família não tem uma estrutura adequada, ajustada; quem trabalha para sustentar a casa é a mãe deixando os filhos sozinhos ou com os mais velhos.

Onde termina a vida de aluno e inicia a vida de professor? Essa é uma indagação da professora e escritora **Ilma Passos**. Ainda segundo a autora, talvez tenha chegado a hora de avançarmos na resposta a essa questão. De aprofundarmos nossa percepção da vida escolar e até mesmo da vida em sociedade, para entendermos que se trata de momentos que nada mais são que pontos de vista – a serem superados – de um único processo: a formação do indivíduo e, neste caso, dos profissionais professores.

Outro aspecto dessa atualidade diz respeito à apresentação de alternativas. Para a autora supracitada, para a **formação docente** que reconhecem o **professor** como **agente social**, e, nos cursos de formação, a coordenação pedagógica atua como espaço privilegiado da formação continuada e do desenvolvimento profissional docente, num momento em que o Ministério da Educação, refletindo a percepção da sociedade, tem posto em cheque a formação desses profissionais.

Nessa linha de consolidação da formação do **docente como agente social**, Livia Feitas Fonseca Borges (2009), apresenta o currículo como campo de concretização dessa postura de resistência às pressões do contexto. E, reconhecendo possíveis contribuições da sociedade e dos diferentes contextos sociais, propõe uma educação ancorada em estudos culturais, na qual a pesquisa e a interação constante entre a **formação** e a **prática docente** constituem-se como elementos de um contínuo formativo onde a formação inicial e a continuada se intercomunicam permanentemente, estabelecendo uma dinâmica formativa ampliadora das perspectivas sociais dos envolvidos.

Portanto, para que essa formação seja eficaz se faz necessária à presença do coordenador pedagógico como viabilizador e estimulador de ações que sejam concretizadas e a formação seja diária, continuada não do ponto de vista externo, mas nas coordenações coletivas, onde haja socializações de experiências e conhecimentos. Como por exemplo: o coordenador traz um texto ou um vídeo sobre relações étnico-raciais para um diálogo com os professores no momento da coordenação pedagógica, os professores farão reflexões sobre o assunto, daí surgirá um projeto para trabalharem em sala de aula com os alunos, logo esses profissionais estarão participando de uma formação continuada dentro do ambiente escolar.

**Objetivo Geral**

Investigar o ambiente escolar com vistas a torná-lo saudável de interação e boas relações humanas de respeito às diversidades e promotora da cultura da paz e não violência entre os alunos, professores e gestores.

**Objetivos**

- ✓ Investigar as causas de violências e indisciplina dos alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental do CEF 507;
- ✓ Investigar os as relações interpessoais entre os alunos, professores e gestores no cotidiano escolar em um contexto de novos paradigmas;
- ✓ Identificar como o coordenador pedagógico busca mecanismos norteadores nas relações conflituosas dentro e fora de contexto escolar;
- ✓ Identificar a importância da temática violência no PPP da escola.

**Público**

Professores, alunos, coordenadores e gestores.

## CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1- As mudanças paradigmáticas na educação

Diante do desafio do enfrentamento do contexto social relativamente adverso já decantado nesta reflexão, Rosana César de Arruda Fernandes, coerentemente com as demais autoras desta obra, propõe o fortalecimento do coletivo na efetivação da formação continuada de professores pela coordenação pedagógica.

Segundo Arruda, considerando a coordenação pedagógica o lócus próprio da organização do trabalho pedagógico, portanto, das reflexões curriculares e da participação e integração dos profissionais, apresenta-a como espaço natural de um modelo de formação continuada que possibilita aos professores o vislumbre da realidade educativa de pontos de vista dificilmente perceptíveis àqueles imersos apenas na prática docente.

Longe de encerrar o debate, Maria Antônia Tolentino nos apresenta a experiência do CRA – Centro de Referência de Alfabetização –, espaço de coordenação pedagógica dos professores do Bloco Inicial de Alfabetização – BIA –, implantado na educação básica pública da SEDF, que é apoiado pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – EAPE –, também da SEDF.

Ao se caracterizar como espaço de intercâmbio de experiências entre professores e coordenadores pedagógicos de diferentes escolas, fomentou ações de formação continuada para os professores a partir de debates de situações concretas vivenciadas por aqueles profissionais, tornando-se não apenas referência de formação continuada dos professores alfabetizadores, mas, acima de tudo, uma evidência da possibilidade de tudo o que foi apresentado nessas reflexões diz Tolentino. Uma prova, como a experiência do PIE, de que outra formação de professores é possível.

De acordo com Fávero Sobrinho (2010), a problemática suscitada através de uma charge em duas épocas, primeiro em 1969, em que os pais chegam para o filho e pergunta em tom de fúria: “Que notas são estas?” E em outro período em 2009, Os pais abordam para a professora e perguntam no mesmo tom de fúria, mostrando o boletim do filho: “Que notas são estas?” – a transfiguração do **aluno de ontem** no **aluno de hoje** – segundo o autor tem amparo histórico, considerando que o corte temporal em questão — **1969 a 2009** — corresponde a uma verdadeira “**transição**

**paradigmática**", marcada por um conjunto de transformações culturais que alterou profundamente o nosso "modo de pensar, de produzir, de consumir, de fazer guerra e de fazer amor." (CASTELS, 1999).

Para Fávero Sobrinho, nesse cenário histórico, os professores, por serem "sujeitos existenciais, pessoas com suas emoções, suas linguagens e seus relacionamentos", quando entram em sala de aula para dar a "mesma" lição diante dos "mesmos" alunos, vivenciam, no dia-a-dia da escola, todas essas mudanças e diferenças históricas. (TARDIFF, 2002).

Por essa razão, paira entre eles um 'sentimento coletivo de desassossego' e um profundo estranhamento diante da **mudança de** comportamento dos estudantes: freqüentes manifestações de indisciplina, violência, resistência ao estudo, cenas de namoro, preocupações com a moda, com os celulares... diz o autor supracitado.

O aluno de hoje não conhece a importância da palavra **limites** e assustam a nós professores que temos que lidar com a rebeldia e indisciplina desses alunos todos os dias. Já vêm de casa sem noções de regras, combinados, deveres, reconhecendo apenas que têm direitos a serem usufruídos por eles portanto, cabendo a nós professores somente o cumprimento desses "direitos".

De acordo com Fávero Sobrinho (2010), todas essas questões já extrapolaram os muros da escola e estão presentes em estudos e pesquisas da literatura educacional, que discutem suas implicações pedagógicas, bem como sua dimensão histórico-cultural. **Green e Bigun** (1995) têm se destacado por estabelecer a diferença histórica entre o **aluno de ontem e o de hoje**.

Para eles, os alunos que estão em nossas escolas são radicalmente diferentes dos alunos de épocas anteriores por apresentarem uma "historicidade pós-moderna", constituída por um conjunto de práticas culturais responsáveis pela "produção" de sujeitos particulares, específicos, com identidades e subjetividades singulares. Para Green e Bigun (1995), o aluno de hoje é "um sujeito-estudante pós-moderno porque ele apresenta um novo tipo de subjetividade humana — uma subjetividade pós-moderna — que se caracteriza pela efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e de tornar-se humano." (GREEN e BIGUN 1995).



## **1.2- O Papel do coordenador pedagógico frente aos desafios de violência, indisciplina e a resistência dos professores**

Diante dos aspectos vivenciados dentro da escola e até fora dela, o coordenador sente-se às vezes sem forças mediante a resistência de muitos educadores com relação às novas mudanças de paradigmas. Tudo o que é novo assusta mas a adequação se faz necessária ao invés do enfrentamento.

Darei como exemplo o fato de um aluno adolescente estar praticando algum delito dentro da escola, a primeira providência do gestor bem como da sua equipe pedagógica é transferir o aluno, ao invés de procurar mecanismos para trabalhar a favor desse aluno para que o mesmo tenha oportunidades assim como os demais.

Segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), só é possível fazer a transferência de um aluno se o mesmo representar ameaça a outrem ou sofrer algum tipo de ameaça. Todavia, a atitude mais executada é a de “passar a bola”, passar o “problema” para outras pessoas resolverem. Isso me entristece muito levando em conta que quanto mais avança a tecnologia, e o capitalismo toma espaço cada vez maior na sociedade, mais as pessoas se afastam favorecendo o consumismo e dificultando aspectos positivos tais como: relações humanas, interação do homem com o homem, sensibilidade, alteridade.

Cada indivíduo pensando apenas em si mesmo, ao invés de observar qual é a função social da escola, quando digo escola, não digo paredes, parte concreta mas as pessoas que nela estão inseridas como educador. Não esquecendo do envolvimento da comunidade nos projetos desenvolvidos dentro da escola a fim de facilitar a interação entre escola e comunidade.

O que é possível fazer para melhorar o que está posto? Acredito que estudando muito, buscando o diálogo junto aos gestores e professores e acreditando sempre que pode haver mudanças para melhor. O coordenador (a) exerce um papel fundamental no processo ensino aprendizagem. Tanto no que diz respeito aos alunos, como aos professores. É ele (a) quem buscará parcerias, a fim de fomentar os projetos dentro do ambiente escolar.

O coordenador pedagógico, entre suas muitas atribuições, cabe-lhe também o papel de ser incentivador e estimulador junto aos professores. Se o coordenador não demonstrar estímulo, iniciativa, como poderá estimular os professores a realizarem

projetos, ações, atividades pedagógicas? Buscar sempre trabalhar coletivamente. Trazendo coisas novas, pois o professor se cansa de mesmices.

A educação vive em constante processo de construção. Cabe ao **coordenador pedagógico estar atento** às novas mudanças e buscar essas inovações para dentro da escola. Nunca trabalhando sozinho e sim buscando respaldo junto aos gestores e a comunidade escolar estreitando assim as relações. Segundo Vygotsky (1997), o mundo das relações sociais e culturais é constitutivo da mente humana. Com isso, o ser humano é um ser social precisando interagir uns com os outros.

Para Rogoff (1997), a intersubjetividade se estabelece numa atividade sócio-cultural que assume o caráter de unidade de análise, precisando ser abarcada, no qual se inserem o sujeito, as **relações interpessoais**, os artefatos culturais e a comunidade/instituição.

Ainda segundo a autora, para agir e comunicar, os indivíduos são constantemente envolvidos numa troca, ou seja, no compartilhamento de significados entre os indivíduos. Isso significa que assim como acredita Vygotsky, (1997, p. 106) que o indivíduo é um **ser social**, da mesma forma Rogoff dispõe do mesmo pensamento, logo se faz necessário a existência da interação entre os indivíduos dentro do contexto escolar para que vivendo coletivamente possamos ter resultados positivos das nossas ações e atitudes.

O principal objetivo do coordenador pedagógico é promover ações que viabilizem a construção da cidadania, a busca de uma comunidade centrada no respeito às diferenças, o estímulo ao protagonismo juvenil, à formação de alunos com participação política e crítica, a criação de uma cultura da paz e da não-violência, uma escola que trabalhe a consciência ambiental, o empenho dos docentes na melhoria da qualidade do ensino aprendizagem dos alunos, o empenho do coordenador pedagógico na busca de mecanismos de formação continuada dos professores, o empenho do gestor afim de facilitar a formação continuada dos profissionais de educação que trabalham na escola.

Para que todas essas ações sejam concretizadas é preciso um planejamento daí a importância de incluí-las no Projeto Político Pedagógico da escola utilizando o espaço da coordenação pedagógica para dialogar como conduzir as ações que irão diminuir a violência e facilitar o convívio de todos os atores no espaço escolar.

### 1.3- O Papel do coordenador Pedagógico no planejamento escolar no contexto da gestão democrática

O coordenador desempenha um papel fundamental na escola, o de articulador. Ele articula, facilita, estimula, promove ações que contribuem para o desenvolvimento do aluno bem como para a formação continuada dos professores. Sendo articulador tem a responsabilidade de incentivar a manutenção da qualidade na educação.

Embora existam resistências à nova forma de gestão por parte de alguns professores, funcionários e gestores, o coordenador tem que exercer a função que lhe é conferida o de protagonista das inovações concebidas a partir da **gestão democrática**.

O novo modelo de gestão requer esforços e compromisso de todos os atores envolvidos no contexto escolar. Não só os gestores mas alunos, professores, funcionários e a comunidade. A escola precisa inserir a comunidade escolar em seu planejamento de gestão.

O coordenador começa a atuar desde a construção do projeto político pedagógico da escola, durante o seu planejamento, execução até a avaliação. Muitas vezes é desprezado por aqueles que não acreditam na escola pública e que não medem esforços para criticar sem se quer sugerir ações que contribuam para a melhoria da qualidade do ensino e a existência de uma escola que lhe dá prazer em trabalhar.

A partir da leitura dos textos e das reflexões explicitadas por alguns professores no vídeo **“Princípios e bases da gestão democrática”** percebe-se as mudanças contidas nesse novo modelo de gestão. Segundo a professora Ilma Passos, a partir de um projeto pedagógico que rompe com uma estrutura arcaica, autoritária nasce um projeto coletivo, uma nova maneira de fazer educação, a construção de uma nova cultura, com trabalho, legitimidade, ruptura e inovação.

A gestão democrática escolar está ligada ao processo de construção da cidadania tendo como estratégias o projeto pedagógico e o conselho escolar. Segundo o professor Erasto Fortes Mendonça (2000), na formulação da Lei de Diretrizes e Bases há princípios que expandem algumas características como a formação dos conselhos, na participação dos professores, na formação do projeto político pedagógico das escolas, a concepção de gestão democrática se amplia para

além da escolha de diretores significa a construção de uma verdadeira escola pública de qualidade.

Na leitura do professor Roberto Leher (1988, p. 86) a produção do conhecimento envolve críticas, perguntas, o que no governo militar era difícil de ser feito. Havia perda de vitalidade e o saber era acumulado. Segundo o professor Vitor Henrique Paro (2010 p. 27) a apropriação da cultura é tudo aquilo que não existe por si só e sim é construído com a participação de todos os atores envolvidos no contexto de uma sociedade.

Cada sociedade vive o reflexo do seu tempo, trazendo consigo os valores, a tecnologia, a ciência, a arte, a conduta, as crenças e as tradições. A educação é o espaço de formação dos indivíduos a partir da infância até à educação superior e esse espaço tem de ser um espaço laico onde cada indivíduo vai conhecer e praticar a sua opção religiosa, política, filosófica com o apoio e condições mas sem diretividade.

Conforme expressa o professor Jamil Cury (2005 p.17) com o fim do regime militar nasceu uma escola democrática. As mudanças ocorreram com a redemocratização do país. Essa gestão vem consolidar um desejo da sociedade de atuar de forma democrática na construção de um novo modelo de educação democrática e de qualidade.

Com isso, temos o dever de fazer parte dessa construção elegendo gestores que se comprometam em gerir a escola de forma democrática, coletiva, fazendo um levantamento das necessidades da comunidade escolar integrando escola-comunidade, ouvindo os alunos, valorizando o diálogo, ao invés da repressão. Trazendo a comunidade escolar para dentro da escola e fortalecendo as relações e parcerias.

A escola é um espaço para ampliar conhecimentos e contribuir para a formação de crianças, jovens e adultos para que se **constituam cidadãos** da sociedade na qual se inserem. Para isso o professor precisaria cumprir seu papel transformador por meio de uma atividade docente crítico-reflexiva, em um contexto facilitador dessa atividade emancipatória, pois o “[...] contexto da prática docente interfere na execução do concebido tanto em nível de sistema educacional como em nível da escola (AZZI, 2005, p. 43)”.

O trabalho escolar diferencia-se dos outros por suas finalidades, objetivos e princípios, assim como pelo bem que produz, que não é diretamente material. Perrenoud (1995, p. 69) afirma:

O trabalho escolar não é como os outros, porque não tem uma utilidade imediatamente visível, no sentido em que **aquilo que produz** prestará serviço a alguém, regularizará um problema verdadeiro ou **enriquecerá o patrimônio**. A sua principal razão de ser, em princípio, é a de favorecer ou a de consolidar aprendizagens.

Envolver a comunidade nesse trabalho e compartilhar a responsabilidade de definir os rumos da escola é um desafio e tanto. Mas o esforço compensa: com um Projeto Político Pedagógico bem estruturado, a escola ganha uma identidade clara, e a equipe interagindo adquire segurança para tomar decisões.

Os princípios e valores da escola devem ser discutidos em reuniões pedagógicas ou institucionais (com os funcionários) e assembleias do conselho escolar, do conselho de classe e do grêmio estudantil. É papel do diretor participar de todos esses encontros, levar material bibliográfico que possa embasar as discussões e registrar o que foi debatido. Depois disso, a direção também deve compartilhar com toda a comunidade escolar e acolher sugestões e críticas.

Enfim, podem-se **delimitar os temas**, entretanto a construção do projeto político pedagógico de uma escola está sempre **em construção** embora coloque em ação e na prática a sua implementação, ainda assim é uma construção e a qualquer momento pode-se acrescentar algo novo ou retirar aquilo que não está dando certo. O projeto pedagógico da escola requer espaço de constante avaliação.

#### **1.4- Como perceber a aprendizagem no contexto escolar**

Como perceber que houve aprendizagem? A partir das reflexões que fazemos sobre um assunto, um tema, algo que achamos significativo. A aprendizagem se dá pela capacidade de interpretar, questionar, argumentar, mudar paradigmas, ou conceitos a respeito de algo.

Segundo Elvira de Souza (2007) com a perspectiva de atender aos desafios postos pelas orientações e normas vigentes, é preciso olhar de perto a escola, seus sujeitos, suas complexidades e rotinas e fazer as indagações sobre suas condições concretas, sua história, seu retorno e sua organização interna.

Torna-se fundamental, com essa discussão, permitir que todos os envolvidos se questionem e busquem novas possibilidades sobre currículo: o que é? Para que serve? A quem se destina? Como se constrói? Como se programa?

Levando em consideração que o processo educativo é complexo e fortemente marcado pelas variáveis pedagógicas e sociais, marcado pelas variáveis pedagógicas e sociais, não podendo ser analisado fora de interação dialógica entre escola e vida, considerando o desenvolvimento humano, o conhecimento e a cultura. Não se pode exigir de um indivíduo que aprenda da mesma forma que outro aprende, pois cada um de nós tem um jeito próprio de ser, de ver as coisas, de se posicionar, de refletir, enfim, somos subjetivamente diferentes.

Existem várias maneiras de aprender e ensinar. Podemos partir de um simples objeto como uma pipa, então investigar o motivo pelo qual as pessoas gostam de soltar pipa, a origem da pipa, como confeccionar uma pipa. Daí surge uma maneira simples de aplicar a aprendizagem. Nós professores temos um talento nato para seduzirmos nossos alunos a aprenderem algo que queremos lhes ensinar. Basta colocar em prática o nosso talento.

Segundo Henri Walton (2007 p.117) a formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ter uma referência perpétua nas experiências pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar. De acordo com Ludmila Thomé de Andrade (2004 p. 4) a motivação para trabalhar na ação de formar professores pode ser a possibilidade de realizar, em nossa relação docente de formadores na qual aos professores cabe a posição de “alunos”, os mesmos objetivos que consideramos pertinentes que eles realizem com seus alunos.

Ainda segundo a autora supracitada, não podemos esquecer também de considerar a realidade e o cotidiano dos nossos alunos. Cada indivíduo tem suas experiências, suas vivências, seus valores e modos de ver a vida. Partir do contexto em que vivem esses alunos é sem dúvida dar significado à educação e conseqüentemente facilitar a aprendizagem.

É preciso investir no indivíduo, quando criança, ainda na base. Segundo Abigail Alvarenga (2003 p. 4) quanto mais a sociedade investir na infância, melhores condições garantirá para a constituição do adulto. A aprendizagem torna-se mais fácil quando o aluno tem em seu cotidiano uma alimentação saudável, condições

psicológicas favoráveis, um ambiente de estudos que lhe favoreça na concentração e recursos materiais para pesquisa, leitura e reflexão.

Não podemos deixar de levar em conta o fato de que, se o aluno não tem estímulos externos que favoreçam os estudos não há que se exigir que aprenda da mesma forma que outro indivíduo que tem toda uma estrutura. De acordo com o Ministério da Educação, a implantação de uma política de ampliação do ensino fundamental de oito anos para nove anos de duração exige tratamento político, administrativo e pedagógico, uma vez que o objetivo de um maior número de anos no ensino obrigatório é assegurar a todas as crianças um tempo mais longo de convívio escolar com maiores oportunidades de aprendizagem.

Vale ressaltar que a aprendizagem não depende apenas do aumento do tempo de permanência na escola, mas também do emprego mais eficaz desse tempo: a associação de ambos pode contribuir significativamente para que os estudantes aprendam mais e de maneira mais prazerosa. Para isso, são necessárias ações formativas da opinião pública, condições pedagógicas, administrativas, financeiras, materiais e de recursos humanos, bem como acompanhamento e avaliação em todos os níveis da gestão educacional.

Enfim, face às novas mudanças de paradigmas e ao contexto em que vive nossa sociedade, temos sim que não desistir de buscar a formação continuada para lidar com as situações e as perspectivas nos dispendo a mudar nossa concepção de educação e de sociedade. E acima de tudo contribuir para a construção de uma nova escola e de uma nova sociedade.

## CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA

### 2.1- O Contexto da Pesquisa

O trabalho realizado foi fruto de uma pesquisa bibliográfica, com leitura de autores com os temas relevantes com os quais desenvolvi o referencial teórico.

Segundo Azzi,

A escola é um espaço para ampliar conhecimentos e contribuir para a formação de crianças, jovens e adultos para que se **constituam cidadãos** da sociedade na qual se inserem. Para isso o professor precisaria cumprir seu papel transformador por meio de uma atividade docente crítico-reflexiva, em um contexto facilitador dessa atividade emancipatória, pois o “[...] contexto da prática docente interfere na execução do concebido tanto em nível de sistema educacional como em nível da escola (AZZI, 2005, p. 43)”.

Neste capítulo aborda-se a coleta dos dados deste estudo que engloba o contexto da pesquisa, os participantes do estudo, os instrumentos de coleta de dados, os procedimentos de coleta e análise dos dados que têm como cenário uma escola de Ensino Fundamental de Santa Maria-DF, que, em meio à violência, busca alternativas para uma melhor convivência entre os alunos, visando proporcionar um ambiente capaz de realizar as práticas educacionais, o convívio harmonioso entre os pares, enfim, para que a instituição seja formadora de pessoas capazes de viver em sociedade.

Para tanto, a presente pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, que segundo Lüdke e André (1986), na qual a escola é o ambiente natural é fonte direta de dados e o pesquisador como o principal instrumento, ou seja, “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo” (1986, p.12).

Para obtenção dos dados foram realizados questionários com o objetivo de observar o comportamento dos alunos, professores, e gestores a fim de entender as motivações que os levam a uma dificuldade nas relações interpessoais e também as motivações que levam os alunos a agirem de forma violenta com os colegas e com os professores bem como com os funcionários da escola.



Em se tratando da observação das atividades propostas na escola vê-se a relevância de ressaltar algumas ações dos docentes em sala de aula e no ambiente escolar. Os docentes formam grupos de trabalho no horário de coordenação coletiva afim de planejarem ações que contemplem os eixos definidos no PPP da escola. Dentre os objetivos apresentados no Projeto Político Pedagógico da escola, destacam-se:

Trabalhar temas como violência, indisciplina, relações interpessoais, bullying, preconceito, discriminação, patrimônio público, etc.

- ✓ Desencadear ações visando a formação profissional de professores e coordenadores na escola;
- ✓ Promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar o processo educativo;
- ✓ Estimular os docentes a fim de desenvolverem com entusiasmo suas atividades propostas junto aos alunos;
- ✓ Oferecer uma educação inclusiva à comunidade escolar;
- ✓ Oferecer uma educação integral aos alunos e atividades lúdicas, aulas de informática em laboratório adequado;
- ✓ Oferecer sala de leitura e aulas de reforço no turno contrário ao da regência;
- ✓ Levar a inclusão da educação em direitos humanos ao projeto político-pedagógico da escola afim de implementar as práticas pedagógicas e democráticas presentes no cotidiano;
- ✓ Alertar para o perigo que o Bullying representa para a comunidade escolar e a sociedade civil ;
- ✓ Desenvolver e executar projetos que promovam a Cultura da Paz;
- ✓ Favorecer a valorização das expressões culturais, regionais e locais por meio de ações que valorizem a culminância de datas comemorativas relevantes;
- ✓ Incentivar a organização estudantil por meio de grêmios, grupos de trabalhos entre outros;
- ✓ Estimular o fortalecimento dos conselhos escolares e conselhos de segurança;
- ✓ Promover debates sobre a prevenção e o combate ao abuso sexual de crianças e adolescentes.

## **2.2- Onde foi realizada a pesquisa**

A pesquisa foi realizada no CEF 507 na cidade de Samambaia/DF, numa escola da rede Pública de Ensino vinculada à Coordenação Regional de Ensino de Samambaia. A escola atende alunos da comunidade próxima bem como alunos de comunidades mais distantes todos de baixa renda.

## **2.3- Roteiro de Observação**

- ✓ Quais os casos de violência mais comuns existentes no ambiente escolar?
- ✓ Como os professores trabalham a questão da violência tanto na sala de aula, fora dela e nos arredores da escola?
- ✓ Como se identifica o uso de entorpecentes ou drogas lícitas na escola?
- ✓ Qual a relação entre os alunos e o corpo docente?
- ✓ Que mecanismos de prevenção os gestores têm utilizado para diminuir a violência na escola?

## **2.4- Roteiro de Trabalho**

- ✓ Como trabalhar a temática escolhida com meus colegas?
- ✓ Que tipo de texto seria mais adequado para dar início à discussão do trabalho coletivo?
- ✓ Que tipo de dinâmica usar a fim de iniciar o trabalho?
- ✓ O que percebo ser necessário para facilitar o processo ensino aprendizagem?
- ✓ O que é necessário para facilitar o processo ensino aprendizagem?
- ✓ O que é necessário para garantir o aprendizado dos alunos e alunas?
- ✓ Como o coordenador pedagógico pode viabilizar o trabalho coletivo?
- ✓ Como convencer o professor (a) a utilizar o espaço da coordenação pedagógica para sua formação continuada?
- ✓ Qual dinâmica utilizar para quebrar o gelo no início de uma discussão pedagógica?
- ✓ Como organizar o tempo espaço para facilitar o planejamento e a execução do trabalho pedagógico?
- ✓ Como conseguir a interação entre professor x professor dentro do ambiente escolar?

- ✓ Como conseguir a interação professor x aluno dentro do ambiente escolar?
- ✓ Que textos trabalhar com os professores (as) na coordenação pedagógica?
- ✓ A quem o coordenador pedagógico pode recorrer como colaborador das ações no espaço da coordenação pedagógica?
- ✓ Como avaliar as ações trabalhadas no ambiente escolar?
- ✓ Como trazer a comunidade a fim de ser colaboradora e parceira das ações dentro da escola?
- ✓ Como adquirir sucesso no ensino aprendizagem dos alunos e alunas?

## **2.5. Relatório das ações desenvolvidas pela escola para minimizar as ocorrências de violência na escola e nos seus arredores**

- ✓ A escola tem como principal articulador o Conselho de Segurança Escolar que é atuante;
- ✓ A escola faz um trabalho semestral em parceria com a Polícia Militar e a Polícia Civil de prevenção e combate ao uso de drogas e diversos tipos de violência. Nesse trabalho, fazem um mapeamento no perímetro da escola a fim de perceber as ocorrências existentes na área externa da escola;
- ✓ Anualmente a escola promove um circuito de palestras com o sargento Aquino da polícia militar do Distrito Federal;
- ✓ Os alunos que ficam na área externa da escola estão vulneráveis e com isso, passíveis de ser além de usuários, também levados ao tráfico de drogas;
- ✓ Nos casos de violência na escola e fora dela as meninas ocupam 60% desses casos. Geralmente as ocorrências se dão por conta de brigas por causa de namoro, estilo de vestuário, ou casos banais;
- ✓ A escola tem vários projetos entre eles:
- ✓ Projeto – Música (fanfarra, vioão, coral, etc.) Os alunos participam desses projetos no turno contrário ao da aula.
- ✓ Projeto – Teatro (Preto no Branco);
- ✓ Os professores motivam os alunos a participarem desses eventos facilitando assim a convivência nas relações interpessoais e os afastando de atitudes de violência.

## 2.6- Plano de Coletas

Para realização da pesquisa foi entregue ao Diretor do Centro de Ensino Fundamental em Samambaia, o *Termo de Ciência da Instituição* no intuito de conseguir sua autorização para concretizar a pesquisa a ser realizada.

Foram esclarecidas os objetivos e finalidades da pesquisa. Aos coordenadores demais sujeitos participantes da pesquisa solicitou-se a assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

Os dados foram coletados através de pesquisa de campo tendo como instrumentos metodológicos: Questionário e Entrevista.

## 2.7 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo se faz necessária para que o pesquisador adquira elementos suficientes para realizar uma investigação. Na pesquisa de campo o investigador pode utilizar questionários ou entrevistas gravadas, televisionadas ou impressa.

Sobre a pesquisa de campo Spink (2003) explica que,

O termo “pesquisa de campo” é normalmente empregado na Psicologia Social para descrever um tipo de pesquisa feito nos lugares da vida cotidiana e fora do laboratório ou da sala de entrevista. Nesta ótica, o pesquisador ou pesquisadora vai ao campo para coletar dados que serão depois analisados utilizando uma variedade de métodos tanto para a coleta quanto para a análise. (SPINK, 2003, p.18).

## 2.8- Aplicação de Questionário

A aplicação do questionário se dá na forma individual ou coletiva. Pode ser subjetivo ou objetivo. Aos que recebem os questionários lhes é dada liberdade para responder ou dar sugestões de perguntas que sejam relevantes. Sobre a utilização do Questionário **Moroz** cita,

O questionário é um instrumento de coleta de dados com questões a serem respondidas por escrito sem a intervenção direta do pesquisador. Normalmente anexa-se, no início, uma folha explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de que o sujeito responda de forma adequada às questões. . (MOROZ & GIANFALDONI 2006, p.78-79).

## 2.9- Da Entrevista

Na entrevista o pesquisador atua como entrevistador fazendo as perguntas e escrevendo ou gravando as respostas do entrevistado. Não podendo interferir nas respostas apenas conduzindo e facilitando as mesmas.

A entrevista exige a presença do pesquisador, a fim de obter dos sujeitos as informações importantes para responder ao problema (...) a entrevista tem a vantagem de envolver uma relação pessoal entre o pesquisador/sujeito, o que facilita um maior esclarecimento de pontos nebulosos. (MOROZ & GIANFALDONI, 2006, p.79).

Após o consentimento do gestor os sujeitos participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em anexo, e foram aplicados os instrumentos para coleta de dados.

## 2.10- Instrumentos utilizados para Coleta de Dados

**Questionário I**, em anexo, com questões subjetivas, respondidas livremente pela coordenação pedagógica com perguntas o trabalho coletivo na escola.

- ✓ A importância da temática violência no PPP da escola,
- ✓ como convencer o professor a utilizar o espaço da coordenação pedagógica para sua formação continuada,
- ✓ como a coordenação organiza o tempo/espaço para facilitar o planejamento e a execução do trabalho pedagógico, enfim, todas as questões voltadas para o trabalho pedagógico na escola bem como o envolvimento do corpo docente e da comunidade nos projetos da escola.

**Questionário II**, em anexo, com questões subjetivas, respondidas livremente pelo gestor e demais integrantes da direção da escola.

- ✓ Como a escola trabalha a temática violência na escola e nos arredores dela;
- ✓ Que tipo de recursos a escola utiliza para conter a violência entre os alunos;
- ✓ Como a escola envolve os professores nas atividades a fim de amenizar a violência na escola;
- ✓ Quais as parcerias que a escola tem a fim de diminuir a violência na escola;
- ✓ Quais os benefícios dessas parcerias;

- ✓ Como a escola envolve a comunidade em suas ações;

## **2.11- Procedimentos da Coleta de Dados**

A coleta de dados no CEF 507 aconteceu dentro da normalidade, numa sexta-feira no período matutino. Foram escolhidos aleatoriamente 05 alunos entre 12 e 17 anos apenas por amostragem. Foram escolhidos 03 professores aleatoriamente por amostragem a fim de relatar as ocorrências de indisciplina em sala de aula, dentro e fora da escola e a forma de prevenção e o tratamento dado às questões dessas temáticas.

A entrevista deu-se de forma tranquila até porque eu já tinha conversado com o gestor sobre a importância do projeto de pesquisa e ficou acertado que eu faria a entrevista com as pessoas as quais tinha mencionado. Os dados coletados nas entrevistas receberam um tratamento qualitativo, através do método da Análise do Conteúdo Qualitativa, segundo a referência de Bardin (1977). A Análise de Conteúdo é na sua acepção:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir sobre conhecimentos relativos às condições de produção/recepção de mensagens (p. 37).

A entrevista com o gestor foi tranquila embora as atividades e responsabilidades de um diretor de escola são muitas e complexas. O tempo é o pior inimigo. Todavia fui bem recebida e pude entrevistá-lo com precisão..

A entrevista com os coordenadores também foi tranquila apesar de ser uma função na qual o coordenador tem que estar atento a todas as chamadas não só do gestor e professor mas de toda a escola.

A entrevista com os alunos foi meio tumultuada pois os alunos querem participar nas respostas às questões e não é possível ouvir a todos. Todavia ocorreu de forma tranquila.

### **CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Após um trabalho de pesquisa no CEF 507 de Samambaia/DF, e levantamento de dados sobre as ocorrências de indisciplinas de alguns alunos e alunas, observou-se que a maioria das brigas vem de assuntos banais como o ciúme de namorados, roupas de marca ou objetos de valor que alguns alunos têm e outros não, agressões físicas, prática de bullying, pichação entre outras ocorrências.

Na escola não há uma estrutura que acolha e seduz esses adolescentes. Não há por exemplo uma quadra poliesportiva coberta, a fim de que desenvolvam atividades esportivas e fiquem mais tempo na escola.

De acordo com a direção da escola, muitos alunos ficam nos arredores da escola juntando-se àqueles que não são alunos com isso participando de guangues a fim de depredarem e picharem os muros da escola ou comércio próximos. Sobre esse fato Abramovay, 2005 diz que,

A pichação também aparece dentro de um novo contexto com o objetivo de ser visto por um Estado, omissos, que não enxerga esses jovens. Além disso, o reconhecimento, aliado ao risco e a adrenalina, é valorizada entre os jovens.

Portanto, garantir a segurança e o bem estar da sociedade por meio de políticas públicas é dever do Estado. Para a autora supracitada, é preciso uma atuação que evite a criminalização das gangues. A sociedade tem dificuldade em lidar com essa juventude. O Estado não desenvolve políticas preventivas. Faltam projetos de inclusão social e espaço de convivência, o que segundo a autora supracitada segrega ainda mais a sociedade e dificulta aproximar-se desses jovens.

Contudo quando se quer fazer um trabalho para o bem de uma comunidade temos que ter o bom senso de ouvir tanto as críticas como sugestões e porque não os elogios. Não deixando de mencionar que geralmente as críticas vêm com mais impulso por mais que os gestores, coordenadores e professores tentem desenvolver um bom trabalho.

O trabalho do coordenador pedagógico também tem sido de grande importância com relação a esses resultados. O coordenador faz o elo entre o gestor, professor, aluno e comunidade. Portanto é um personagem fundamental na busca

de mecanismos que supere a violência fazendo da escola um ambiente de convivência saudável e interação entre a comunidade escolar.

Enfim, nessa escola todos os profissionais se empenham muito para que a violência não faça parte do cotidiano. Existem projetos envolvendo música, teatro e grupos de estudos onde o aluno é beneficiado com essas atividades.

O gestor procura caminhos para trabalhar a questão da violência e dos alunos envolvidos a fim de não transferi-los de escola. O resultado tem sido positivo há alguns anos.

### **3.1- Itens Analisados**

#### **a) violência oriunda de alunos para com alunos.**

- O aluno agrediu fisicamente uma colega com uma tapa na cara.
- O aluno jogou uma bola de papel no rosto de um colega.
- O aluno rasgou o trabalho da colega em sala.
- O aluno estava praticando bullying contra uma colega nos corredores da escola.
- O aluno ficou chutando alunos menores no intervalo.

#### **b) violência oriunda dos alunos para com os professores.**

- O aluno foi pego estava atrapalhando a aula da professora de Inglês.
- O aluno entrou na escola fora de seu turno sem autorização.
- O aluno desrespeitou a professora e colegas usando palavras de baixo calão.
- O aluno arremessou livros na cara da professora e quebrou cadeira e mesas.

#### **c) violência oriunda de alunos para com o patrimônio.**

- O aluno foi surpreendido pichando a sala de aula.
- A aluna foi surpreendida dentro do banheiro masculino pichado as paredes com palavrões.
- O aluno foi surpreendido depredando o patrimônio público.

#### **d) violência oriunda de alunos para com profissionais da educação (servidor da limpeza).**

- O aluno não fez as atividades extraclasse e desrespeitou a servidora enquanto limpava a sala de aula.



O aluno não fez as atividades extraclases e desrespeitou a servidora enquanto limpava a sala de aula.

**e) violência oriunda de profissionais da educação para com profissionais da educação.**

O Professor **x** discutiu com o professor **y** e a coordenação tomou a iniciativa de intervir como mediadora de conflitos.

O Professor **D** alterou a voz com o diretor, mas no final do conflito ambos se entenderam aparentemente.

A servidora **Z** reclamou da professora **T** sobre o excesso de papel no chão em sala de aula.

**f) violência oriunda de membros da comunidade para com a escola;**

Alguns garotos da comunidade foram flagrados jogando pedras no telhado da escola.

**3.2 - Análise dos questionários destinados aos coordenadores e aos gestores:**

Os questionários foram transformados em categorias de perguntas, sendo assim distribuídas: Categoria I, Categoria II, Categoria III, Categoria IV, Categoria V e Categoria VI. Cada categoria tem entre duas e quatro perguntas.

**Categoria I – O coordenador pedagógico e o trabalho coletivo**

O coordenador respondeu que é através do diálogo, da participação e de tudo o que envolve a escola. Perguntado sobre como convencer o professor (a) a utilizar o espaço da coordenação pedagógica para a sua formação continuada e coordenador respondeu que se dá fazendo o aproveitamento do tempo e do espaço. Sobre a dinâmica utilizada para quebrar o gelo no início de uma discussão pedagógica, a resposta dada foi fazer uso de momento de relaxamento e descontração.

Para que o trabalho realizado pelo coordenador seja eficaz faz-se necessário o empenho tanto dos professores quanto da equipe gestora. É preciso um trabalho

conjunto em que todas as partes ajam em favor do sucesso na realização de projetos e atividades coletivas.

Conforme o Regimento interno das Escolas Públicas do Distrito Federal, em seu Artigo nº 24/2006,

A Coordenação Pedagógica, tem Por finalidade planejar, acompanhar e supervisionar as atividades didático-pedagógicas, a fim de dar suporte à Proposta Pedagógica, promovendo ações que contribuam para a implementação do currículo em vigor nas instituições educacionais públicas do Distrito Federal". (Secretaria de Educação do Distrito Federal/2006)

**Categoria II** – A coordenação e a organização do tempo/espço para facilitar o planejamento e a execução do trabalho pedagógico

Foi respondido que por meio da confecção de pautas para a semana.

Ao ser perguntado como a coordenação consegue a interação entre professor x professor dentro do ambiente escolar o coordenador respondeu que com um tratamento harmônico, tentando satisfazer a todos na medida do possível.

A coordenação é um espaço para que os professores juntamente com o coordenador pedagógico planeje as atividades que serão repassadas aos alunos. É um espaço para reflexão coletiva e individual dos educadores. Deve ser usado também como espaço para formação continuada dos professores. Sobre esse assunto Perrenoud (1995, p.69) afirma:

O trabalho escolar não é como os outros, porque não tem uma utilidade imediatamente visível, no sentido em que aquilo que produz prestará serviço a alguém, regularizará um problema verdadeiro ou enriquecerá o patrimônio. A sua principal razão de ser, em princípio, é a de favorecer ou a de consolidar aprendizagens.

**Categoria III** – A coordenação pedagógica e o envolvimento da comunidade nos projetos da escola

De acordo com os coordenadores a escola é aberta à comunidade aos sábados com projetos e oficinas a diversos públicos. A escola contata a comunidade também por meio de circulares de tudo que acontece na escola. Ao ser questionado se a escola inclui no Projeto Político Pedagógico da escola a temática violência, o coordenador respondeu que sim, por meio de projetos interventivos. E ao ser indagado sobre o que é necessário para garantir o aprendizado dos alunos e alunas,

foi respondido que não existe fórmula: o mais importante é que haja interesse mútuo, ou seja, tanto do professor ensinar quanto do aluno aprender.

O coordenador pedagógico é tido como um dos elementos indispensáveis para a o gerenciamento do corpo docente e discente das unidades escolares, e não apenas delas, mas de outras instituições que necessitem do suporte técnico que este profissional pode fornecer

Desta maneira, sua importância se dá porque no seu exercício profissional várias são suas funções para a escola, mediar, formar, debater, propor. Sua condição de profissional mediador com toda a comunidade escolar lhe permite vivenciar situações sociais das mais distintas. Segundo (SILVEIRA; 2007 p.56):

A escola tem como função social sistematizar e disseminar os conhecimentos historicamente elaborados e compartilhados por uma determinada sociedade. Por isso, os processos educativos em geral e, principalmente aqueles que ocorrem em seu interior, constituem-se em dinâmicas de socialização

#### **Categoria IV – A coordenação e a viabilização dos projetos dentro da escola.**

Em relação a viabilização dos projetos dentro da escola, o coordenador pedagógico respondeu que os recursos utilizados são: data show, mapas, computadores, TVs, DVDs entre outros. E que o coordenador recorre ao supervisor pedagógico e à equipe gestora como colaborador das ações no espaço da coordenação.

Ao ser perguntado sobre quais os mecanismos de avaliação a coordenação pedagógica utiliza a fim de avaliar as ações e projetos dentro da escola, o mesmo respondeu que através da participação e avaliação.

#### **Categoria VI – A escola e a temática na violência na escola**

O gestor respondeu que a escola busca parcerias e realiza projetos para amenizar o problema. E que os recursos utilizados para conter a violência entre os alunos é o sistema disciplinar informatizado, dados estatísticos da polícia civil, regras de convivência e a mediação de conflitos com a conciliação entre os alunos.

A Ser indagado sobre como a escola envolve os professores nas atividades que diminuam as ocorrências de violência na escola, o gestor respondeu que

trabalha com projetos interventivos, atividades culturais e recreativas como passeios e visitas dirigidas.

Sobre as parcerias que a escola tem a fim de diminuir a violência na escola e nos arredores dela o gestor disse que a Polícia militar traz palestras e desenvolve um projeto intitulado: Muita Calma nessa Escola, o teatro Pátria Amada, a colaboração da ONG Heróis de Verdade e o Ministério Público.

Ao ser questionado sobre como a escola envolve a comunidade em suas ações, a resposta foi a de que em reuniões periódicas e ações nos finais de semana onde a comunidade participa razoavelmente das atividades não tendo assim uma adesão e presença constante de todos.

### 3.3 – Análise da entrevista com os alunos

Foram entrevistados 05 alunos com idade entre 12 e 16 anos escolhidos aleatoriamente por amostragem. Sendo todos do turno matutino devido o fato dos alunos do turno vespertino realizarem provas e não poderem participar da entrevista.

A entrevista foi transformada em Blocos sendo assim distribuídos:

**Bloco A** alunos entre 12 e 14 anos, **Bloco B** alunos com 15 anos e **Bloco C** alunos com 16 anos.

Bloco A - Ao serem indagados sobre o índice de casos de bullying na escola

**Aluno 1** – A aluna respondeu que são constantes os casos de bullying e que os alunos na posição de vítimas ficam com medo de denunciar devido à represália.

**Aluno 2** – A aluna respondeu que os alunos que praticam bullying não respeitam ninguém e não tem medo de punições. E que esses alunos têm maneiras agressivas de abordar os colegas.

Nos dias atuais o **Bullying** é reconhecido como problema crônico nas escolas, e trazendo assim consequências sérias, tanto para vítimas, quanto para agressores. As formas mais comuns são: agressão entre alunos, empurrões, pontapés, insultos, espalhar histórias humilhantes, mentiras para implicar a vítima a situações vexatórias, inventar apelidos que ferem a dignidade, captar e difundir imagens (inclusive pela internet), ameaças (enviar mensagens, por exemplo), e a

exclusão. Os tipos mais comuns de agressões entre os meninos são de forma física. Os agressores ameaçam, metendo medo em suas vítimas.

Entre as meninas há atitudes como espalhar rumores mentirosos, ameaças, e disseminação de contendas. Tanto vítimas, quanto agressores podem sofrer consequências psicológicas desta situação de abuso, no entanto, enquanto os olhares estão voltados para os agressores, a vítima é esquecida com isso o surgimento da depressão que pode terminar em um possível suicídio ou a prática de ações desastrosas como assassinatos.

Segundo Evans (1996), violência psicológica são atitudes de abuso de poder, de controle sobre o outro e envolve, pelo menos, três dimensões:

[...] poder no sentido de “resolver pelo outro” (...) nas seguintes palavras: decidir, ir Contra, impedir, acusar, dar ordens, mandar fazer, causar insegurança, ameaçar; humilhação: ridicularizar, chamar palavrões, desaprovar”, coisificação do outro: “esquecer e desprezar, não levar em conta o valor/desejo/necessidade do outro, cometer injustiça” (EVANS, 1996, p. 81. Grifos nossos).

Bloco B – Ao serem indagados sobre a existência de projetos e atividades que minimizem as ocorrências de violência na escola e nos arredores dela

**Aluno 1** – O aluno respondeu que alguns professores trabalham com a temática e desenvolvem projetos, mas nem todos valorizam as falas dos alunos.

A indisciplina é a resposta do aluno ao excesso ou a falta de autoridade por parte do profissional. Daí decorre o fato de um aluno em determinada aula apresentar um bom comportamento e em outra ser visto como indisciplinado.

De acordo com Placco 2008,

Só quando existe uma real comunicação e interação entre os atores do processo educativo há a possibilidade de emergência de uma nova prática docente, na qual movimentos de consciência e de compromisso se instalam e se ampliam... (Placco, 2008, p.52)

**Aluno 2** – A aluna disse que não acha interessante esses projetos por isso não participa porém já viu a diferença principalmente nos momentos de intervalo do ano de 2012 para o ano de 2013.

A maior parte das ocorrências de violência se dá principalmente nos momentos do intervalo em que os alunos ficam ociosos quando não há um projeto interventivo ou dinâmicas que ocupe esse tempo.

Nesse momento os alunos começam com brigas, atitudes de vandalismo, e agressões aos colegas da própria turma ou de outras turmas. Também é nesse momento que os alunos fazem uso de entorpecentes nos banheiros ou outras dependências da escola, por isso a necessidade de ter um profissional que supervisione os intervalos.

Bloco C – Ao serem indagados sobre o que causam a indisciplina e a violência entre os alunos e dos alunos para com os professores e funcionários da escola

**Aluno 1** – Acha que se faz necessário a presença de um profissional que supervisione os corredores e banheiros o tempo todo para evitar as pichações, o vandalismo, e as atitudes de indisciplina. Falta também estrutura física adequada como quadra poliesportiva coberta, cursos de informática, idiomas, algo que realmente sirva para o aluno quando sair da escola e enfrentar o mercado de trabalho e que apenas a escola integral oferece melhores cadeiras, melhor lanche e que nem todos são contemplados, por isso a insatisfação com a escola e que isso justifica as atitudes de vandalismo, indisciplina e violência.

Segundo Abramovay (2002), em estudos realizados, os jovens, manifestam suas opiniões e visões sobre temas que envolvem seu cotidiano e percepções sobre a realidade que os cerca. Assim sendo, espaço social, família, escola, lazer, expectativas (ou falta de perspectiva) de futuro fazem parte dos relatos registrados nas pesquisas.

### **3.4 – Análise da entrevista com os professores**

Foram entrevistados 03 Professores escolhidos aleatoriamente. Esses professores não mediram esforços para responder às questões. A entrevista foi transformada em Blocos de questões a serem respondidas. Sendo **Bloco 1** professor 1, **Bloco 2** professor 2 e **Bloco 3** professor 3.

Bloco 1 – Ao ser indagado sobre como os professores trabalham a temática violência e indisciplina tanto na sala de aula quanto na escola e em seus arredores

**Professor 1** – O professor respondeu que é desenvolvido um trabalho preventivo usando de aproximação individual do aluno procurando interagir no seu relacionamento sócio familiar a partir daí surgindo a interação no contexto familiar como primeiro apoio.

A escola por si só não pode modificar as causas que originam este problema, mas pode fazer o possível para não contribuir para isto, apresentando uma postura amigável, de diálogo, pacifista e democrática. De acordo com Içami Tiba (1996, p. 165) O aluno que não respeita os outros precisa ser educado ou ser tratado.

Bloco 2 – Ao ser indagado sobre como os professores identificam o uso de entorpecentes ou drogas na escola

**Professor 2** – Através da inquietação e a sensação de insegurança provocada pelo uso de entorpecentes, bem como a agressividade de alguns alunos e transtorno de comportamento.

De acordo com Abramovay (2002), considerando que a sociabilidade desempenha um papel fundamental entre os jovens para a internalização dos valores e que as relações de cooperação e sociabilidade são mecanismos importantes de interação, em especial para os jovens, tem-se consolidado no Brasil e em diversas partes do mundo uma linha de trabalho com o objetivo de impedir que o jovem “vá para o lado de lá” – ou seja, que ele seja cooptado pelo tráfico, pela criminalidade, pelas drogas, pela violência.

Bloco 3 – Ao ser indagado sobre o que os professores fazem para minimizar os casos de indisciplina na sala de aula

**Professor 3** – Através de projetos e atividades lúdicas que despertem o interesse dos alunos embora nem todos participem ou se interessam. Também com a constante presença dos pais que são chamados após advertências dados a seus filhos.

Segundo Abramovay (1999), a abertura de espaços valoriza a escola, que passa a ser percebida como um local privilegiado, com equipamentos sociais disponibilizados à comunidade, e como um lugar de formação dos jovens.

Ainda segundo a autora supracitado, em vez de permanecer fechado, ocioso nos fins de semana, passa a ser um local que proporciona alternativas de convivência aos jovens que afirmam *não ter aonde ir* e frequentar. Outro aspecto positivo do programa é a abertura “das portas” das escolas para os pais, o que promove uma maior aproximação entre a escola e a família, criando possibilidades de novas formas de sociabilidade dentro da própria comunidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é uma das temáticas mais discutidas em toda a sociedade ou na mídia seja ela impressa ou televisiva, bem como nas redes sociais. A Escola na visão de Foucault configura-se como um ambiente parecido com uma prisão em sua disposição física, seus mecanismos de disciplinarização, sua organização hierárquica, sua vigilância constante. Foucault (1987, 288p) referia-se essa analogia ao sistema penitenciário, em que as prisões disciplinares tinham por objetivo a readaptação e integração de “corpos dóceis” à sociedade.

Entendemos que a escola é um espaço para aprendizagem em que os alunos vêm para aprender e socializar seus conhecimentos. Espaço de interações e relações interpessoais complexas ou não. A escola funciona como ambiente de aprendizado de conhecimentos empíricos. Um espaço como a escola em que os alunos, professores e funcionários passam a maior parte do seu tempo precisa ser um ambiente de boas relações interpessoais e não um ringue onde existam adversários sedentes por mostrar sua força física utilizando a violência e a rebeldia como suas armas.

O gestor, o coordenador pedagógico bem como o orientador educacional já não sabe contar quantas vezes chamou os pais ou responsáveis para relatar os casos de agressões físicas e verbais expressadas por seus alunos. Alunos disputando espaço com outros alunos ou com professores não sabendo se contiver diante de um acontecimento contrário ao seu cotidiano.

Há também o caso de alunos que ameaçam e até agredem verbal e fisicamente professores tornando-os reféns do medo de ir e vir. Há aqueles professores que abandonam a profissão sentindo-se vulneráveis a esses indivíduos que não têm nenhuma noção de regras de convivência, limites, respeito ao próximo ou valores familiares.

Desconhecem a palavra deveres e apenas querem usufruir dos direitos que a constituição lhes garante. Muitos desses alunos utilizam o uniforme da escola apenas para depredarem o patrimônio público sem pensar no risco de uma punição.

As advertências são muitas sem contar nos casos de expulsão quando extrapolam os limites de punição ou correção. A Polícia Civil realizou uma síntese das ocorrências ocorridas tanto no interior quanto nos arredores da escola. A saber:

- ✓ Nas proximidades da escola foram registrados 02 (dois) casos de roubo e transeuntes;
- ✓ Dentro da escola ocorreram 03 (três) registros tais como lesão corporal dolosa, ameaça e desacato;
- ✓ Também ocorreram registros de porte ilegal de arma e uso de intorpecentes por alunos nos arredores da escola.

A família é convocada regularmente para tomar ciência das ocorrências de violência e indisciplina dos alunos na sala de aula e fora dela. Argumentam que já não sabem mais o que fazer para educar seus filhos esperando que a escola cumpra o seu papel e os eduque.

A sociedade acredita que a escola é a local mais apropriada para se educar uma pessoa e não a família. No entanto a escola atua como parceira, pois o papel da escola é segundo Carmo (2009) é formar cidadãos, dar aos alunos os ensinamentos de que eles necessitam para viver e trabalhar neste mundo de evolução, bem como orientá-los para a vida.

Portanto, com a investigação entendeu-se que a educação se dá com o empenho da família, escola e sociedade juntas viabilizando maneiras que colocar em prática essa formação não apenas acadêmica, mas para o mercado de trabalho e para a vida.

E que é preciso um trabalho conjunto para que as relações interpessoais sejam boas e que os conflitos sejam administrados não só pelo coordenador pedagógico, mas pelos professores, equipe gestora e funcionários, embora o coordenador pedagógico desempenhe uma tarefa imprescindível para o sucesso do saber do aluno e como facilitador das boas relações interpessoais dentro do ambiente escolar.

A escola precisa abrir as portas para a comunidade e unir forças através das parcerias e projetos que seduzam os alunos e os façam entender que a escola é um laboratório e um espaço que o preparará para trilhar um caminho nada fácil fora do contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adilson César de. Gestão democrática da educação: A posição dos docentes.

FAVERO SOBRINHO, Antonio. O aluno não é mais aquele! E, agora professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. FE/UnB. 2010.

FERREIRA, Naura (Org.). Gestão democrática da educação: Atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento das prisões... Tradução de Raquel Ramallete. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GRACINDO, Regina Vinhaes. Estado, sociedade e gestão da educação: Novas prioridades, novas palavras de ordem e novos – velhos problemas. Revista Brasileira de Política e Administração. v.13, n.1, p.7-18. Porto Alegre: ANPAE, 1997.

Gestão escolar democrática: Definições, princípios e mecanismos de implantação. Disponível em <[escoladegestores.mec.gov.br/site/4...gestao\\_escolar/.../texto2\\_1.pdf](http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4...gestao_escolar/.../texto2_1.pdf)>. Acesso em 02 de fev. 20110.

MARTINS, A. M. Gestão autônoma da escola pública Reunião Anual da Anped, 24. Caxambu, MG, 2001. OLIVEIRA, João de; MORAES, Karine Nunes de DOURADO, Luiz Fernandes.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba: Ed. da UFPR, 2005, p.15-22. 68 p.(Gestão e avaliação da escola pública; um).

PARO Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 1997.

SOUZA, Ângelo Ricardo de Souza ET al. Caminhos possíveis na construção da gestão democrática da escola. Texto extraído do Caderno 1 da Coleção Gestão e avaliação da escola pública: Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores;

Toschi SEABRA, Mirza. A Relação entre o Plano de Desenvolvimento da Escola e o Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP) UCG, 2004.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Coordenação do trabalho pedagógico: Do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002. P. 50 -68.

VEIGA, I.P.A. Projeto político-pedagógico: novas trilhas para a escola. In: VEIGA, I. PA; FONSECA, M. (Org.). *Dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola*. Campinas: Papirus, 2001.

VEIGA, I.P. A. Projeto político-pedagógico: continuidade ou transgressão para acertar? In: CASTANHO, M.E.L. M: CASTANHO, S. (Org). *O que há de novo na educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora*. Campinas: Papirus, 2000.

VEIGA, Ilma P. A.; Resende, Lúcia M. G. de (Organizações). *Escola: Espaço do Projeto Político-pedagógico*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção Possível*. Campinas, SP: Papirus, 1995

**ANEXOS  
APÊNDICE - I**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG n.º \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado (a) pelo (a) pesquisador (a) VANILDA COSTA LOPES a respeito dos riscos, benefícios e confidencialidade da entrevista e fornecida para a pesquisa **O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE AOS CONFLITOS VIVENCIADOS NO COTIDIANO ESCOLAR NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL EM SAMAMBAIA.**

Também participo voluntariamente ciente de que a publicação e divulgação dos resultados, por meio digital e/ou presencial, nas quais serão omitidas todas as informações que permitam identificar-me, contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e produção de conhecimento científico.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

**Esclarecimentos a respeito da pesquisa:**

- ☐ Justificativas e objetivos.
- ☐ Descrição do método utilizado e métodos alternativos existentes.
- ☐ Desconfortos e riscos associados.
- ☐ Benefícios esperados (para o voluntário e comunidade).
- ☐ Garantia de confidencialidade das informações geradas e a privacidade da pesquisa.
- ☐ Participação voluntária e possibilidade de retirada do consentimento a qualquer tempo, sem prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.
- ☐ Conduta para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
- ☐ Recebimento de cópia deste termo.

**Contatos:**

Pesquisador (a) responsável: Vanilda Costa Lopes,

E-mail vanylopes12@yahoo.com.br

Telefones: celular 86057549 e casa 3563 9762

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Sandra Regina Santana Costa e-mail: sancosta3@gmail.com

**APÊNDICE II**  
**TERMO DE CIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG  
n.º \_\_\_\_\_, matrícula SEEDF n.º \_\_\_\_\_, diretor (a) do  
(nome da escola), sito à \_\_\_\_\_ Brasília/ DF –  
(CEP), declaro ter sido informado pelo (a) pesquisador (a) **VANILDA COSTA LOPES** a respeito dos riscos, benefícios e confidencialidade da pesquisa a ser feita com o coordenador pedagógico e gestor, cujo título é **O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE AOS CONFLITOS VIVENCIADOS NO COTIDIANO ESCOLAR NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL EM DE SAMAMBAIA**.

Também estou ciente e autorizo (colocar o que está autorizado a fazer, por exemplo, observar reuniões pedagógicas, aulas, atividades dos alunos etc.), mediante a publicação e divulgação dos resultados, por meio digital e/ou impresso, que omitirão todas as informações que permitam identificar quaisquer dos profissionais deste estabelecimento de ensino.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante